



ANÁLISE COMPARATIVA SOBRE O DESEMPENHO ECONÔMICO DE EMPRESAS ABERTAS AUDITADAS PELAS BIG FOUR E DEMAIS FIRMAS DE AUDITORIA

Victor Afonso da Costa
victorcosta1902@hotmail.com
UFMG

José Roberto de Souza Francsco
jroberto@face.ufmg.br
UFMG

Resumo: A auditoria independente é um meio importante para a diminuição do conflito de agência entre gestores e acionistas, na busca pela maximização do valor da empresa. Investidores e demais usuários das informações contábeis preocupam-se com a qualidade da auditoria realizada, já que o seu parecer se caracteriza como um atestado de confiança das demonstrações financeiras. Diante do enunciado, portanto, o objetivo geral desta pesquisa é verificar se o desempenho econômico de empresas de capital aberto listadas na B3, auditadas pelas grandes firmas (Big Four), apresenta-se melhor, quando comparado ao desempenho de empresas auditadas pelas demais firmas de auditoria. Vale ressaltar a escolha por empresas listadas nos segmentos especiais da B3, devido à importância do tema Governança Corporativa para o estudo. Estas empresas executam as melhores práticas de governança corporativa e defendem o investidor de possíveis conflitos de interesses existentes, vislumbrando-se um desempenho econômico superior. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, desenvolvida com procedimentos de uma pesquisa documental, utilizando métodos quantitativos. A coleta de dados foi realizada por meio de sistema que disponibiliza indicadores econômico-financeiros das entidades listadas na B3, os quais permitem fazer uma análise comparativa entre os resultados evidenciados e divulgados

junto às suas demonstrações. Para a realização desta análise comparativa, realiza-se o teste estatístico de comparação de médias. Os resultados obtidos apontam que empresas auditadas pelas firmas Big Four apresentaram um desempenho econômico superior, comparadas às empresas auditadas pelas demais firmas de auditoria.

Palavras Chave: Auditor.Independente - Govern.Corporativa - Conflito de Agência - Desemp.Econômico - Empres.Aud.Big-Four



ANÁLISE COMPARATIVA SOBRE O DESEMPENHO ECONÔMICO DE EMPRESAS ABERTAS AUDITADAS PELAS BIG FOUR E DEMAIS FIRMAS DE AUDITORIA

1 INTRODUÇÃO

A auditoria tem como sua principal função o exame dos registros contábeis, e atestar, por sua vez, a confiabilidade dos dados fornecidos pelas entidades (ANTHONY, 1999). Uma das características desejadas na auditoria consiste na independência, cujo atributo reside num dos maiores valores do comportamento do auditor, ou seja, a imparcialidade no exame dos dados contábeis da entidade auditada (PEREIRA; COSTA, 2012).

A auditoria independente das demonstrações contábeis constitui o conjunto de procedimentos técnicos que tem por objetivo a emissão de parecer sobre a adequação com que estas representam a posição patrimonial e financeira, o resultado das operações, as mutações do patrimônio líquido e as origens e aplicações de recursos da entidade auditada, consoante as Normas Brasileiras de Contabilidade (NBC) e a legislação específica no que for pertinente, sendo uma das responsáveis pela redução da assimetria da informação.

A independência do auditor é importante para que ele esteja isento de interesses sobre as entidades auditadas para permitir que os serviços sejam seguros e prestados com objetividade, assegurando a confiabilidade e o ceticismo profissional. Este aspecto também é comentado na Resolução CFC nº 1267/2009, que diz que independência “é a capacidade que a entidade de auditoria tem de julgar e atuar com integridade e objetividade, permitindo a emissão de relatórios ou pareceres imparciais em relação à entidade auditada, acionistas, sócios, quotistas, cooperados e todas as demais partes que possam estar relacionadas com o seu trabalho”.

A crescente dinâmica por informações mais oportunas e seguras vem, conseqüentemente, exigindo maior qualidade nos serviços realizados pelos auditores. Os escândalos incorridos nos últimos anos, que abrangeram grandes corporações mundiais apoiadas por omissões ou baixa qualidade nos serviços da auditoria, envolvendo as maiores empresas, conduzem ao questionamento sobre a alta qualidade, teoricamente, presumida das grandes empresas de auditoria (FIRMINO; DAMASCENA; PAULO, 2010).

“Pode-se dizer, portanto, que a independência é um atributo relevante dentro da qualidade de uma auditoria, entendido o papel que desempenha o auditor no contexto da informação contábil”. (BRAUNBECK, 2010, p. 14).

Outros fatores que podem impactar a independência e a qualidade da auditoria para com o seu cliente são a competência técnica do auditor e o volume de recursos pagos, considerando que existe uma diferença significativa no tamanho das receitas de empresas *Big Four* (grupo das quatro maiores firmas de auditoria contábil do mundo, composto pelas empresas Deloitte Touche Tohmatsu (DTT), PricewaterhouseCoopers (PWC), Ernst & Young (EY) e KPMG) para as demais firmas de auditoria, que também não investem tanto quanto as *Big Four* para a capacitação técnica do seu auditor (SANTANA *et al.*, 2014).

Assim, diante do exposto, propõe-se a seguinte questão de pesquisa: empresas auditadas por *Big Four* tendem a apresentar desempenho econômico superior ao de empresas auditadas pelas demais firmas de auditoria? O objetivo geral desta pesquisa é verificar se o desempenho econômico de empresas de capital aberto listadas na B3 – Brasil, Bolsa, Balcão – auditadas pelas grandes firmas (*Big Four*), apresenta-se superior, quando comparado ao desempenho de empresas auditadas pelas demais firmas de auditoria no período de 2015 a 2017.

Santana *et al.* (2014, p. 7) afirmam que “as empresas, ao contratarem auditoria com maior renome, acenam para os interessados nas demonstrações contábeis, que estão preocupadas com a veracidade e tempestividade das informações nelas contidas”. Na mesma linha, Studzinski (2014) conclui que as empresas têm preferência pelas firmas de auditoria *big four*, pois elas possuem maior reputação e possibilidade de firmar contratos de prestação de serviços globais.

Com isso, através da pesquisa, busca-se auxiliar administradores nas suas tomadas de decisão para a contratação da firma de auditoria que gerará para a empresa o melhor custo-benefício, e auxiliar também investidores, quanto ao retorno que as empresas geram para o seu capital investido. Justifica-se, assim, a importância deste estudo, que ajuda a visualizar se há diferenças estatisticamente elevadas no desempenho econômico das empresas auditadas pelas *Big Four* para as demais empresas.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 FUNDAMENTOS DE AUDITORIA

O papel da auditoria é apresentar orientações, conclusões, opiniões e críticas das situações ou fenômenos patrimoniais na entidade auditada. “A auditoria das demonstrações contábeis constitui o conjunto de procedimentos técnicos que tem por objetivo a emissão de parecer sobre sua adequação, consoante os Princípios Fundamentais de Contabilidade e pertinente à legislação vigente”. (CREPALDI, 2007, p. 3).

As sociedades anônimas de capital aberto devem passar, obrigatoriamente, por auditoria realizada por auditores independentes registrados na Comissão de Valores Mobiliários (CVM), conforme o art. 177 da Lei 6.404/76. Por meio dela, os usuários das demonstrações contábeis podem tomar decisões com base na opinião expressa do auditor no seu relatório, aumentando o grau de confiança dos usuários sobre as demonstrações contábeis emitidas.

Conforme Gaio (2010) a qualidade da informação contábil mostra algumas diretrizes que identificam aspectos como credibilidade, confiabilidade, tempestividade. Neste contexto Fathi, (2013) e Yurisandi & Puspitasari (2015) retratam a respeito da qualidade da informação contábil na medida em que a empresa e os usuários tem interesses em suas divulgações e adequada representatividade fidedigna.

Franco e Marra (2001) destacam que a finalidade principal da auditoria é a validação dos registros contábeis e dos dados apresentados nas demonstrações financeiras. Na Norma Brasileira de Contabilidade – NBC TA 700 (2016, p. 3-8), os objetivos do auditor estão descritos nos itens 6 – Objetivo; e 38 – Responsabilidades do auditor pela auditoria das demonstrações contábeis, conforme a seguir:

6. (a) formar uma opinião sobre as demonstrações contábeis com base na avaliação das conclusões alcançadas pela evidência de auditoria obtida; e (b) expressar claramente essa opinião por meio de relatório por escrito. [...] 38. (a) [...] (i) obter segurança razoável de que as demonstrações contábeis tomadas em conjunto estão livres de distorção relevante, independentemente de se causada por fraude ou erro; e (ii) emitir um relatório que inclua a opinião do auditor.

Ainda segundo a NBC TA 700 (2016), segurança razoável é um alto nível de segurança, mas não uma garantia de que as auditorias realizadas de acordo com as normas brasileiras e internacionais de auditoria sempre detectam as eventuais distorções relevantes existentes.

As distorções podem ser decorrentes de fraude ou erro e são consideradas relevantes quando, individualmente ou em conjunto, possam influenciar, dentro de uma perspectiva razoável, as decisões econômicas dos usuários tomadas com base nas referidas demonstrações contábeis, ou seja, quando estas distorções estão acima da materialidade da entidade.

A NBC TA 200 (2016) reforça que o conceito de materialidade é aplicado pelo auditor do início ao fim de um trabalho. No planejamento, na execução da auditoria, na avaliação de distorções e no efeito destas nas demonstrações, quando identificadas e não corrigidas, e, por fim, na formação da opinião no relatório do auditor independente. Materialidade está ligada diretamente com a relevância, pois se pressupõe que exista materialidade quando há relevância nos fatos e imaterialidade quando os fatos são irrelevantes.

2.2 CONFLITO DE AGÊNCIA E INDEPENDÊNCIA NA AUDITORIA

O conflito de agência assume que, em uma relação que envolve os proprietários de recursos econômicos (principal) e os gestores (agentes), o agente é passível de agir contra os interesses do principal para atingir suas metas e alcançar seus objetivos pessoais (AZEVEDO; COSTA, 2012).

No contexto de empresas que operam em condições de assimetria informacional e conflito de agência, Silveira (2010) manifesta que a maximização da riqueza dos acionistas leva à maximização do valor da empresa, beneficiando, conseqüentemente, todos os agentes envolvidos. Nassif e Souza (2013) destacam também que a contabilidade tem papel fundamental na governança corporativa, já que os sistemas de incentivo utilizados para a remuneração variável dos agentes se baseiam em indicadores econômico-financeiros, usados na mensuração de seus desempenhos.

A contratação de auditores independentes é outra forma de minimizar os conflitos de agência, pois estes atuam como intermediários informacionais. Exercendo seu trabalho com independência, eles estarão cumprindo seu papel perante a sociedade com relação à qualidade da auditoria prestada, não existindo, nestes casos, qualquer interesse pessoal durante a realização dos serviços que possa comprometer o resultado final.

A independência na auditoria é, de acordo com a NBC TA – do Auditor Independente, nº 200, “o estado no qual as obrigações ou os interesses da entidade de auditoria são, suficientemente, isentos dos interesses das entidades auditadas para permitir que os serviços sejam prestados com objetividade”.

2.3 GOVERNANÇA CORPORATIVA

“Governança corporativa é o sistema pelo qual as empresas e demais organizações são dirigidas, monitoradas e incentivadas, envolvendo os relacionamentos entre sócios, conselho de administração, diretoria, órgãos de fiscalização e controle e demais partes interessadas”. (IBGC, 2015, p. 20).

A CVM (2002, p. 1) define governança corporativa como “o conjunto de práticas que tem por finalidade otimizar o desempenho de uma companhia ao proteger todas as partes interessadas, tais como investidores, empregados e credores, facilitando o acesso ao capital”. Baseado nessas definições, Silva, A. (2006, p. 5) descreve a governança corporativa “como um conjunto de princípios e práticas que procura minimizar os potenciais conflitos de interesse entre os diferentes agentes da companhia com o objetivo de reduzir o custo de capital e aumentar tanto o valor da empresa quanto o retorno aos seus acionistas”.

A governança corporativa estabelece “regras e poderes para conselhos, comitês, diretoria e outros gestores, procurando prevenir abusos de poder e criando instrumentos de fiscalização, princípios e regras que possibilitem uma gestão eficiente e eficaz” (CHAGAS, 2007, p. 2). Rossetti e Andrade (2012) retratam que com isso, reduz e minimiza todo e qualquer conflito de agência que pode ser causado pelos *stakeholders* da empresa dentro do sistema empresarial.

Silva, E. (2006, p. 46-47) enfatiza o uso da governança corporativa com o objetivo de aumentar o valor da empresa: “quanto mais transparente for a governança corporativa de uma companhia, mais valor ela tem. O mercado está interessado nessa visibilidade da organização e os investidores são estimulados a aplicar seus capitais nesse tipo de empresa”.

Para compreender de forma mais adequada a importância da governança corporativa nas empresas, é necessário fazer um breve histórico de sua evolução no Brasil, explicar suas melhores práticas e princípios, e também, a regulamentação que deve ser seguida para que estas empresas possam fazer parte dos segmentos especiais de listagem da B3.

2.4 DESEMPENHO ECONÔMICO-FINANCEIRO

Uma técnica muito empregada para mensurar o desempenho econômico-financeiro das empresas é a análise de indicadores de desempenho, que, segundo Soares (2006, p. 52), “é uma medida numérica como porcentagem, índice, quociente, taxa, ou outra comparação, que é monitorada em intervalos e comparada a um ou mais critérios”.

Matarazzo (2017, p. 81) diz que a utilização de indicadores “visa evidenciar determinado aspecto da situação econômica ou financeira de uma empresa”. Matarazzo (2017) também relata que a análise do desempenho econômico-financeiro através do cálculo de indicadores permite construir um quadro de avaliação da empresa.

Para Iudícibus (2007, p. 89), “a finalidade da análise é, mais do que retratar o que aconteceu no passado, fornecer algumas bases para inferir o que poderá acontecer no futuro”. Além disso, ele também considera que o uso de indicadores é de grande utilidade para a gerência financeira da empresa.

O desempenho econômico das empresas é influenciado por fatores externos (reformas tributárias, mudanças políticas, tecnológicas ou sociais, entre outros), os quais afetam o setor econômico em que cada uma está inserida, o que limita a análise baseada na comparação de empresas que envolvam diferentes setores econômicos, por meio dos indicadores de desempenho.

Conforme Matarazzo (2017, p. 82), “o importante não é o cálculo de grande número de índices, mas de um conjunto de índices que permita conhecer a situação da empresa, segundo o grau de profundidade desejada da análise”.

2.4.1 INDICADORES DE RENTABILIDADE

Assaf Neto (2016, p. 128) destaca que os indicadores de rentabilidade:

visam avaliar os resultados por uma empresa em relação a determinados parâmetros que melhor revelem suas dimensões. [...] As principais bases de comparação adotadas para o estudo dos resultados empresariais são o ativo total, o patrimônio líquido e as receitas de vendas. Os resultados normalmente utilizados, por sua vez, são o lucro operacional e o lucro líquido.

A escolha do conjunto de indicadores calculados varia de acordo com a necessidade de cada pesquisa, podendo haver até pequenas diferenças nas fórmulas utilizadas por cada autor. Analisando a literatura, decide-se optar pelos indicadores de rentabilidade citados a seguir, mencionados por Assaf Neto (2015), Assaf Neto (2016), Martins, Diniz e Miranda (2018) a fim de avaliar a situação econômica das empresas analisadas:

- **Giro do Ativo:** representa a medição da eficiência no uso dos investimentos da empresa e o desempenho das receitas de vendas. Para cada unidade monetária de investimento total, expressa quanto a empresa realizou de vendas.
- **Margem Líquida:** mede a eficiência de uma empresa em produzir lucro por meio de suas vendas. Para cada unidade monetária de venda realizada, expressa quanto a empresa auferiu de lucro líquido.
- **Margem Ebitda:** assim como a margem líquida, também mede a eficiência de uma empresa em produzir lucro por meio de suas vendas. Porém, neste caso, para cada unidade monetária de venda realizada, expressa quanto a empresa auferiu de fluxo de caixa operacional.
- **Retorno sobre o Ativo:** revela o retorno produzido pelo total das aplicações realizadas por uma empresa em seus ativos. Para cada unidade monetária de investimento realizado, mede-se o quanto que a empresa obtém de lucro.
- **Retorno sobre o Patrimônio Líquido:** representa a taxa de rentabilidade auferida pelo capital próprio da empresa, sendo dimensionado pela relação entre o lucro líquido e o patrimônio líquido. Para cada unidade monetária de recursos próprios investidos na empresa, mede-se quanto os acionistas auferem de lucro.
- **Lucro por Ação:** apurado basicamente pela relação entre o lucro (ou prejuízo) líquido do exercício, segregado de acordo com as características das ações da companhia, e o número de ações ordinárias

emitidas pela empresa. Mede o ganho potencial de cada ação, dado que o lucro do exercício não é normalmente todo distribuído.

2.5 ESTUDOS ANTERIORES

Durante a pesquisa realizada, foram observados vários estudos referentes à análise de empresas listadas em bolsa de valores que são auditadas pelas firmas *Big Four*, comparadas com empresas auditadas pelas demais firmas de auditoria.

Almeida e Almeida (2009) e Santana *et al.* (2014) compararam a qualidade da informação contábil nas empresas auditadas pelas *Big Four* com a qualidade nas empresas auditadas pelas demais firmas de auditoria, com foco em gerenciamento de resultados.

Firmino, Damascena e Paulo (2010) analisaram a técnica dos auditores para a uniformização da qualidade dos serviços de auditorias realizadas pelas *Big Four*.

Por fim, Studzinski (2014) realizou um estudo onde comparava os modelos de relatórios de auditoria entre as firmas de auditoria.

Observa-se que existem diversos estudos que tratam da comparação entre as grandes empresas de auditoria e as demais firmas. Porém, ainda há uma escassez de pesquisas nesta área com o propósito de comparar o desempenho econômico deste grupo.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A metodologia utilizada neste trabalho compreende o tipo de pesquisa descritiva, que tem como objetivo descrever as características de uma população, um fenômeno ou experiência, através do estudo onde se coletam dados sobre os componentes da população a ser pesquisada (GIL, 1999).

Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa documental, que é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos. Raupp e Beuren (2006, p. 90) destacam “o mérito da pesquisa documental em estudos que envolvam temas contábeis, no sentido de verificar fatos passados que possam ser úteis, não apenas como um registro de memórias, mas também para ajudar no presente e vislumbrar tendências futuras”.

O método de pesquisa a ser utilizado quanto à abordagem do problema será de uma pesquisa quantitativa, método cuja investigação científica, de acordo com Raupp e Beuren (2006), adota o uso de instrumentos estatísticos, desde a coleta até as análises dos dados, o que garante a precisão dos resultados e evita distorções nas suas análises e interpretações.

3.2 AMOSTRA DE PESQUISA

Para definir a amostra da pesquisa, utilizam-se as empresas listadas nos segmentos especiais da B3 (Nível 1, Nível 2, Novo Mercado, Bovespa Mais e Bovespa Mais Nível 2), que prezam por regras diferenciadas de governança corporativa, no período que contempla os anos-calendários de 2015 a 2017.

A escolha pelo setor de consumo não cíclico justifica-se, também, pelo fato de ser o único setor que possui, para os todos os anos da amostra, dados de pelo menos 4 empresas para análise em ambos os grupos analisados.

Define-se, assim, a amostra em 9 empresas do setor econômico de consumo não cíclico de capital aberto, sendo: BRF, Camil, Carrefour BR, M.Dias Branco, Natura, Pão de Açúcar CRD, São Martinho, SLC Agrícola e Terra Santa. Na sequência a pesquisa foi feita estabelecendo uma separação da amostra para ser analisada a partir de dados de dois grupos: as auditadas por firmas *Big Four* e as auditadas pelas demais firmas de auditoria.

3.3 COLETA DE DADOS

Os dados para a análise serão coletados por meio do sistema Economática®, no qual se encontram as variáveis econômico-financeiras das empresas de capital aberto listadas na B3 que fazem parte da amostra, a fim de obter os indicadores de rentabilidade e lucratividade de cada uma no período de 2015 a 2017, para fazer uma análise comparativa do desempenho das empresas auditadas pelas grandes firmas de auditoria, e o desempenho daquelas auditadas por outras firmas.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Para realizar a análise dos dados coletados na pesquisa, foram extraídos 6 indicadores de rentabilidade e lucratividade da base de dados Economática® no período entre 2015 e 2017, apontados pela literatura como os mais utilizados e significativos para se obter uma opinião acerca da situação econômico-financeira das empresas. As siglas presentes nas fórmulas estão descritas abaixo:

- Giro do Ativo: $GA = RL / AT$
- Margem Líquida (%): $ML = (LL + \text{Part. Ac. Min.}) / RL$
- Margem Ebitda (%): $ME = EB / RL$
- Retorno sobre o Ativo (%): $ROA = (LL + \text{Part. Ac. Min.}) / AT$
- Retorno sobre o PL (%): $ROE = (LL + \text{Part. Ac. Min.}) / (PLm + \text{Part. Ac. Min.})$
- Lucro por ação (R\$): $LPA = LL / N^{\circ} \text{ Ações Ord.}$

Legenda

AT = Ativo total	Part. Ac. Min. = Participação acionista minoritário
EB = Ebitda	PL = Patrimônio líquido
LL = Lucro líquido	PLm = Patrimônio líquido médio
N ^o Ações Ord. = Número de ações ordinárias emitidas	RL = Receita líquida

3.5 PROCEDIMENTOS ECONOMETRICOS

Após o processamento dos indicadores, realizam-se testes de comparação de médias. Baseado nas definições de Bussab e Morettin (2010), considera-se que se trata de um caso de amostras independentes com variâncias conhecidas, que possibilita a análise de amostras de tamanhos diferentes. Considera-se também:

- Parâmetros: μ_1 : média do indicador do qual foi extraído a amostra das empresas auditadas por *Big Four* no período de 2015 a 2017 e μ_2 : média do indicador do qual foi extraído a amostra das empresas auditadas pelas demais firmas de auditoria no período de 2015 a 2017.

- Estatística de teste:

$$Z_{obs} = \frac{\bar{x}_1 - \bar{x}_2}{\sqrt{\frac{\sigma_1^2}{n_1} + \frac{\sigma_2^2}{n_2}}} \sim N(0, 1).$$

- Hipóteses:
 - Hipótese nula (H_0): $\mu_1 = \mu_2$ vs
 - Hipótese alternativa (H_1): $\mu_1 \neq \mu_2$
- Região crítica: $RC = \{Z_{obs}: Z_{obs} < -z_{\alpha/2} \text{ ou } Z_{obs} > z_{\alpha/2}\}$

Para os testes de comparação de médias, apresenta-se os resultados da estatística de teste para cada um dos indicadores analisados, comparando em dois grupos de empresas que compõem a amostra selecionada, no caso, empresas listadas na B3 que fazem parte do setor de

consumo não cíclico, auditadas pelas *Big Four* (grupo 1), e auditadas pelas demais firmas de auditoria (grupo 2).

4 TRATAMENTO DOS DADOS E RESULTADOS OBTIDOS

A fim de verificar a situação econômico-financeira das empresas do estudo, procurou-se analisar os seus respectivos indicadores de rentabilidade, comparando os resultados auferidos pela média dos indicadores de desempenho das empresas auditadas pelas *Big Four* com os resultados auferidos pela média dos indicadores de desempenho das empresas auditadas pelas demais firmas de auditoria. Para isso, foi realizado o teste Z para comparação das médias. Os resultados de cada indicador estão descritos a seguir.

Considerando $\alpha = 5\%$, tem-se que Z-valor crítico está entre $\pm 1,96$. Portanto, a regra de decisão para o z-valor crítico, para rejeição da hipótese nula é: $Z < - 1,96$ ou $Z > 1,96$.

Seção I.1

Giro do Ativo

A Tabela 1 apresenta os dados obtidos a partir dos grupos de amostras para o Giro do Ativo. Após os cálculos estatísticos, foi realizado o teste de comparação de médias.

Tabela 1 – Dados estatísticos do Giro do Ativo

Ano	<i>Big Four</i>				Demais firmas			
	Quant.	Média GA	Variância	Desvio Padrão	Quant.	Média GA	Variância	Desvio padrão
2015	9	0,68	0,14	0,37	4	0,93	0,19	0,43
2016	9	0,61	0,10	0,32	4	1,04	0,23	0,48
2017	9	0,78	0,16	0,40	6	0,86	0,15	0,39
Total	27	0,69	0,13	0,36	14	0,93	0,16	0,40

Fonte: Dados da Pesquisa.

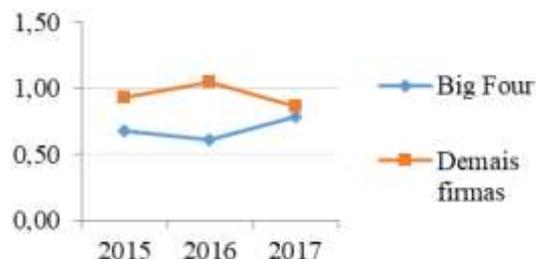
Estatística de teste: $Z = \frac{0,69 - 0,93}{\sqrt{\frac{0,13}{27} + \frac{0,16}{14}}} = -1,88$. $-1,96 < -1,88 < 1,96$. Logo, não se rejeita

H_0 .

Isso indica que não há evidências estatisticamente significativas para rejeitar a hipótese nula, a um nível de significância de 5%, para o indicador Giro do Ativo.

O Gráfico 1 mostra a evolução das médias deste indicador para os dois grupos analisados entre 2015 e 2017. Pode-se visualizar que as diferenças variam entre 0,08, em 2017, onde houve a menor diferença, e 0,43, em 2016, onde houve a maior diferença.

Gráfico 1 – Média do GA no período de 2015 a 2017



Fonte: Dados da Pesquisa.

Considera-se, assim, como resultado desta pesquisa, que a firma de auditoria contratada para a prestação de serviços não faz com que haja diferenças estatisticamente elevadas no indicador Giro do Ativo, comparando empresas auditadas por *Big Four* e empresas auditadas por outras firmas.

Margem Líquida

Os dados estatísticos calculados após a coleta do indicador da Margem Líquida estão retratados na Tabela 2. Após os cálculos estatísticos, foi realizado o teste de comparação de médias.

Tabela 2 – Dados estatísticos da Margem Líquida

Ano	Big Four				Demais firmas			
	Quant.	Média ML	Variância	Desvio Padrão	Quant.	Média ML	Variância	Desvio padrão
2015	9	8,28%	0,04	0,21	4	-22,84%	0,16	0,41
2016	9	-3,19%	0,02	0,14	4	-10,30%	0,04	0,20
2017	9	6,87%	0,01	0,07	6	-7,75%	0,05	0,22
Total	27	3,99%	0,02	0,15	14	-12,79%	0,07	0,26

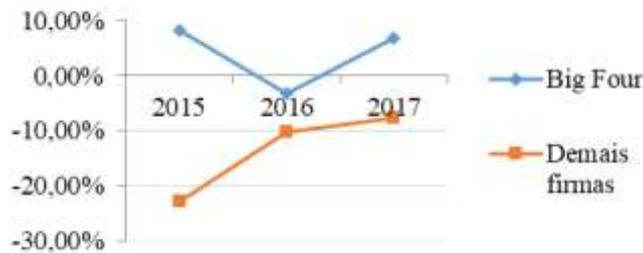
Fonte: Dados da Pesquisa.

$$\text{Estatística de teste: } Z = \frac{3,99 - (-12,79)}{\sqrt{\frac{0,02}{27} + \frac{0,07}{14}}} = 221,47 > 1,96. \text{ Logo, rejeita-se } H_0.$$

Isso indica que há evidências estatisticamente significativas para rejeitar a hipótese nula, a um nível de significância de 5%, para o indicador Margem Líquida.

O Gráfico 2 mostra a evolução das médias deste indicador para os dois grupos analisados entre 2015 e 2017. Pode-se visualizar que as diferenças variam entre 7,11%, em 2016, onde houve a menor diferença, e 31,12%, em 2015, onde houve a maior diferença.

Gráfico 2 – Média da ML no período de 2015 a 2017



Fonte: Dados da Pesquisa.

Considera-se, assim, como resultado desta pesquisa, que a firma de auditoria contratada para a prestação de serviços faz com que haja diferenças estatisticamente elevadas no indicador Margem Líquida, comparando empresas auditadas por *Big Four* e empresas auditadas por outras firmas.

Margem Ebitda

A Margem Ebitda média, sua variância e seu desvio padrão para a amostra relacionada às empresas analisadas no trabalho, são mostrados na Tabela 3. Após os cálculos estatísticos, foi realizado o teste de comparação de médias.

Tabela 3 – Dados estatísticos da Margem Ebitda

Ano	Big Four				Demais firmas			
	Quant.	Média ME	Variância	Desvio Padrão	Quant.	Média ME	Variância	Desvio padrão
2015	9	23,19%	0,03	0,18	4	-4,09%	0,07	0,26
2016	9	11,53%	0,04	0,19	4	1,30%	0,02	0,14
2017	9	16,69%	0,02	0,12	6	4,87%	0,05	0,23
Total	27	17,14%	0,03	0,17	14	1,29%	0,04	0,21

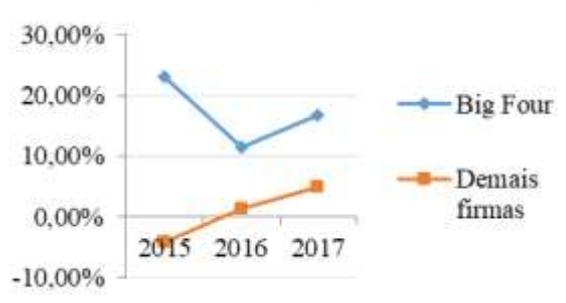
Fonte: Dados da Pesquisa.

$$\text{Estatística de teste: } Z = \frac{17,14 - 1,29}{\sqrt{\frac{0,03}{27} + \frac{0,04}{14}}} = 251,61 > 1,96. \text{ Logo, rejeita-se } H_0.$$

Isso indica que há evidências estatisticamente significativas para rejeitar a hipótese nula, a um nível de significância de 5%, para o indicador Margem Ebitda.

O Gráfico 3 mostra a evolução das médias deste indicador para os dois grupos analisados entre 2015 e 2017. Pode-se visualizar que as diferenças variam entre 10,23%, em 2016, onde houve a menor diferença, e 27,28%, em 2015, onde houve a maior diferença.

Gráfico 3 – Média da ME no período de 2015 a 2017



Fonte: Dados da Pesquisa.

Considera-se, assim, como resultado desta pesquisa, que a firma de auditoria contratada para a prestação de serviços faz com que haja diferenças estatisticamente elevadas no indicador Margem Ebitda, comparando empresas auditadas por *Big Four* e empresas auditadas por outras firmas.

Retorno sobre o Ativo

Os dados estatísticos calculados para a análise do indicador Retorno sobre o Ativo estão apresentados na Tabela 4. Após os cálculos estatísticos, foi realizado o teste de comparação de médias.

Tabela 4 – Dados estatísticos do Retorno sobre o Ativo

Ano	<i>Big Four</i>				Demais firmas			
	Quant.	Média ROA	Variância	Desvio Padrão	Quant.	Média ROA	Variância	Desvio padrão
2015	9	4,65%	0,01	0,10	4	-9,06%	0,02	0,14
2016	9	0,43%	0,00	0,06	4	-5,02%	0,01	0,10
2017	9	4,63%	0,00	0,05	6	-6,91%	0,02	0,13
Total	27	3,24%	0,005	0,07	14	-6,98%	0,01	0,12

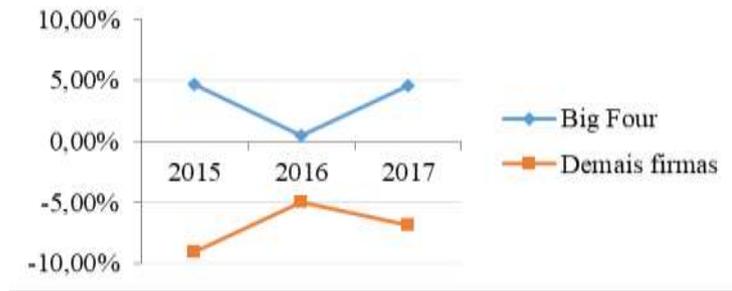
Fonte: Dados da Pesquisa.

$$\text{Estatística de teste: } Z = \frac{3,24 - (-6,98)}{\sqrt{\frac{0,005}{27} + \frac{0,01}{14}}} = 340,77 > 1,96. \text{ Logo, rejeita-se } H_0.$$

Isso indica que há evidências estatisticamente significativas para rejeitar a hipótese nula, a um nível de significância de 5%, para o indicador Retorno sobre o Ativo.

O Gráfico 4 mostra a evolução das médias deste indicador para os dois grupos analisados entre 2015 e 2017. Pode-se visualizar que as diferenças variam entre 5,45%, em 2016, onde houve a menor diferença, e 13,71%, em 2015, onde houve a maior diferença.

Gráfico 4 – Média do ROA no período de 2015 a 2017



Fonte: Dados da Pesquisa.

Considera-se, assim, como resultado desta pesquisa, que a firma de auditoria contratada para a prestação de serviços faz com que haja diferenças estatisticamente elevadas no indicador Retorno sobre o Ativo, comparando empresas auditadas por *Big Four* e empresas auditadas por outras firmas.

Retorno sobre o Patrimônio Líquido

A média do Retorno sobre o Patrimônio Líquido das empresas selecionadas para a amostra da pesquisa está demonstrada na Tabela 5. Após os cálculos estatísticos, foi realizado o teste de comparação de médias.

Tabela 5 – Dados estatísticos do Retorno sobre o Patrimônio Líquido

Ano	Big Four				Demais firmas			
	Quant.	Média ROE	Variância	Desvio Padrão	Quant.	Média ROE	Variância	Desvio padrão
2015	9	14,31%	0,04	0,20	4	-69,98%	1,18	1,09
2016	9	3,46%	0,02	0,15	4	-31,25%	0,23	0,48
2017	9	14,12%	0,03	0,16	6	-26,49%	0,23	0,48
Total	27	10,77%	0,03	0,17	14	-42,05%	0,45	0,67

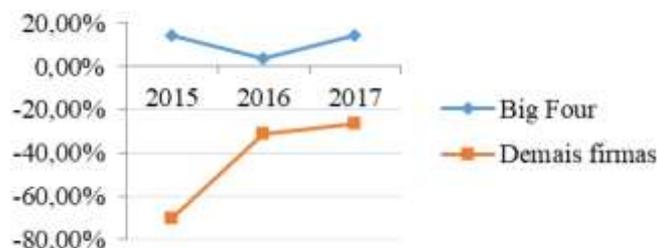
Fonte: Dados da Pesquisa.

Estatística de teste: $Z = \frac{10,77 - (-42,05)}{\sqrt{\frac{0,03}{27} + \frac{0,45}{14}}} = 289,65 > 1,96$. Logo, rejeita-se H_0 .

Isso indica que há evidências estatisticamente significativas para rejeitar a hipótese nula, a um nível de significância de 5%, para o indicador Retorno sobre o Patrimônio Líquido.

O Gráfico 5 mostra a evolução das médias deste indicador para os dois grupos analisados entre 2015 e 2017. Pode-se visualizar que as diferenças variam entre 34,71%, em 2016, onde houve a menor diferença, e 84,29%, em 2015, onde houve a maior diferença.

Gráfico 5 – Média do ROE no período de 2015 a 2017



Fonte: Dados da Pesquisa.

Considera-se, assim, como resultado desta pesquisa, que a firma de auditoria contratada para a prestação de serviços faz com que haja diferenças estatisticamente elevadas no indicador Retorno sobre o Patrimônio Líquido, comparando empresas auditadas por *Big Four* e empresas auditadas por outras firmas.

Lucro por Ação

A Tabela 6 evidencia os dados obtidos através da análise do Lucro por Ação das empresas selecionadas para amostra. Após os cálculos estatísticos, foi realizado o teste de comparação de médias.

Tabela 6 – Dados estatísticos do Lucro por Ação

Ano	Big Four				Demais firmas			
	Quant.	Média LPA	Variância	Desvio Padrão	Quant.	Média LPA	Variância	Desvio padrão
2015	9	R\$ 0,20	15,36	3,92	4	-R\$ 1,86	7,21	2,69
2016	9	-R\$ 0,92	9,03	3,01	4	-R\$ 0,50	1,44	1,20
2017	9	R\$ 1,32	2,11	1,45	6	-R\$ 1,27	4,65	2,16
Total	27	R\$ 0,20	9,02	3,00	14	-R\$ 1,22	4,07	2,02

Fonte: Dados da Pesquisa.

Estatística de teste: $Z = \frac{0,20 - (-1,22)}{\sqrt{\frac{9,02}{27} + \frac{4,07}{14}}} = 1,80$. $-1,96 < 1,80 < 1,96$. Logo, não se rejeita H_0 .

Isso indica que não há evidências estatisticamente significativas para rejeitar a hipótese nula, a um nível de significância de 5%, para o indicador Lucro por Ação.

O Gráfico 6 mostra a evolução das médias deste indicador para os dois grupos analisados entre 2015 e 2017. Pode-se visualizar que as diferenças variam entre R\$ 0,42, em 2016, onde houve a menor diferença, sendo esta superior para o grupo auditado pelas demais firmas de auditoria, e R\$ 2,59, em 2017, onde houve a maior diferença, superior, neste caso, para o grupo auditado pelas Big Four.

Gráfico 6 – Média do LPA no período de 2015 a 2017



Fonte: Dados da Pesquisa.

Considera-se, assim, como resultado desta pesquisa, que a firma de auditoria contratada para a prestação de serviços não faz com que haja diferenças estatisticamente elevadas no indicador Giro do Ativo, comparando empresas auditadas por Big Four e empresas auditadas por outras firmas.

4.7 Resumo dos Resultados

A Tabela 7 mostra as médias dos indicadores analisados neste estudo no período de 2015 a 2017, a fim de apresentar uma visão ampla acerca dos resultados evidenciados na pesquisa.

Tabela 7 – Resumo dos Resultados

Indicador	Média Big Four	Média demais firmas	Resultados obtidos
Giro do Ativo	0,69	0,93	Não se rejeita H_0 .
Margem Líquida	3,99%	-12,79%	Rejeita-se H_0 .
Margem Ebitda	17,14%	1,29%	Rejeita-se H_0 .
Retorno sobre o Ativo	3,24%	-6,98%	Rejeita-se H_0 .
Retorno sobre o Patrimônio Líquido	10,77%	-42,05%	Rejeita-se H_0 .
Lucro por Ação	R\$ 0,20	-R\$ 1,22	Não se rejeita H_0 .

Fonte: Dados da Pesquisa.

Os resultados obtidos apresentaram, dessa forma, a rejeição da hipótese nula para os indicadores Margem Líquida, Margem Ebitda, Retorno sobre o Ativo e Retorno sobre o Patrimônio Líquido.

Observa-se que, de acordo com a Tabela 7, as empresas auditadas pelas *Big Four* obtiveram um desempenho econômico superior em todos os indicadores que apresentaram diferenças estatisticamente elevadas, considerando o nível de significância do teste igual a 5%.

5 CONCLUSÃO

A partir da análise das demonstrações contábeis das empresas listadas na B3 que fazem parte do setor de consumo não cíclico, foi possível realizar um diagnóstico da situação econômico-financeira, utilizando os indicadores de rentabilidade, tornando possível comparar os resultados obtidos pelas empresas auditadas pelas Big Four e por aquelas auditadas pelas demais firmas de auditoria.

De modo geral, verificou-se que as empresas auditadas pelas *Big Four* apresentaram um desempenho econômico superior ao de empresas auditadas pelas demais firmas de auditoria, sobretudo nos indicadores de lucratividade, representados pelas margens Líquida e Ebitda, que medem a eficiência das empresas em produzir lucro por meio de suas vendas. Com isso, responde-se ao problema de pesquisa elaborado para o estudo.

O trabalho está inserido nesta perspectiva, tendo seu objetivo atingido, observando, mediante os resultados, que a contratação de uma grande firma de auditoria para prestação de serviços é um fator considerável na busca pela otimização do desempenho econômico das empresas com ações listadas na B3.

Há de se ressaltar as limitações do estudo provenientes da quantidade pequena de empresas nos setores, o que prejudica uma análise mais abrangente e aprofundada. Com isso, sugere-se, para pesquisas futuras, maior profundidade na comparação do desempenho econômico das empresas, baseado na firma de auditoria que presta serviços para a mesma.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, JOSÉ ELIAS FERES DE. ALMEIDA, JUAN CARLOS GOES DE.

Auditoria e earnings management: estudo empírico nas empresas abertas auditadas pelas big four e demais firmas de auditoria. Revista Contabilidade & Finanças. Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 20, n. 50, p. 62-74, mai./ago. 2009. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/rcf/article/view/34291/37023>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

ANTHONY, R.N. Essentials of accounting. Upper Saddle River. 6 ed. 1999.

ASSAF NETO, ALEXANDRE. Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro. 11. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2015.

ASSAF NETO, ALEXANDRE. Finanças corporativas e valor. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2016.

AZEVEDO, FILIPE BRESSANELLI; COSTA, FÁBIO MORAES DA. Efeito da troca da firma de auditoria no gerenciamento de resultados das companhias abertas brasileiras. Revista de Administração Mackenzie, São Paulo, v. 13, n. 5, p. 65-100, set./out. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ram/v13n5/v13n5a04.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.



B3 – Brasil, Bolsa, Balcão. Regulamento do Novo Mercado. São Paulo: 2017. Disponível em: <<http://www.b3.com.br/data/files/34/C0/C5/16/030A16100375C916790D8AA8/Regulamento%20do%20Novo%20Mercado%20-%202003.10.2017.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

BM&FBOVESPA. Folder – **BOVESPA MAIS. B3**, São Paulo: 2014. Disponível em: <http://www.b3.com.br/data/files/68/53/06/5D/7048F41054E072F492D828A8/BOVESPAMais_folder.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2018.

BM&FBOVESPA. Folder – **NOVO MERCADO. B3**, São Paulo: 2009. Disponível em: <http://bvmf.bmfbovespa.com.br/pt-br/a-bmfbovespa/download/Folder_NovoMercado.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2018.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 6404, de 15 de dezembro de 1976. Dispõe sobre as Sociedades por Ações. Brasília, 1976. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/civil_03/LEIS/L6404consol.htm>. Acesso em: 16 ago. 2018.

BRAUNBECK, GUILLERMO OSCAR. Determinantes da qualidade das auditorias independentes no Brasil. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP. São Paulo. 2010. Disponível em: <<http://blog-fipecafi.imprensa.ws/wp-content/uploads/2012/01/Guillermo-Braunbeck.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

BUSSAB, WILTON DE OLIVEIRA. MORETTIN, PEDRO ALBERTO. Estatística básica. 6. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2010.

CHAGAS, JOSÉ FERREIRA. Governança corporativa – Aplicabilidade do conceito, dos princípios e indicadores à gestão de pequenas e médias organizações. [VIII Congresso Internacional de Custo - I Congreso de la Asociación Uruguaya de Costos](#). Punta Del Este. 2003. Disponível em: <<http://intercostos.org/documentos/congreso-08/085.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (Brasil). Consulta de documentos de Companhias Abertas. Rio de Janeiro: 2018. Disponível em: <<http://sistemas.cvm.gov.br/cias-abertas.asp>>. Acesso em: 05 set. 2018.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (Brasil). Recomendações da CVM sobre governança corporativa. Rio de Janeiro: 2002. Disponível em: <<http://www.cvm.gov.br/export/sites/cvm/decisooes/anexos/0001/3935.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE (Brasil). NBC TA 200 (R1). Dispõe sobre os objetivos gerais do auditor independente e a condução da auditoria em conformidade com normas de auditoria. Brasília: 2016. Disponível em: <[http://www2.cfc.org.br/sisweb/sre/detalhes_sre.aspx?Codigo=2016/NBCTA200\(R1\)](http://www2.cfc.org.br/sisweb/sre/detalhes_sre.aspx?Codigo=2016/NBCTA200(R1))>. Acesso em: 15 ago. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE (Brasil). NBC TA 700. Dispõe sobre a formação da opinião e emissão do relatório do auditor independente sobre as demonstrações contábeis. Brasília: 2016. Disponível em: <<http://www1.cfc.org.br/sisweb/SRE/docs/NBCTA700.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2018.



CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE (Brasil). Resolução CFC nº 1267/09. Aprova a NBC PA 02 – Independência. Brasília: 2009. Disponível em: <http://www1.cfc.org.br/sisweb/SRE/docs/Res_1267.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2018.

CREPALDI, SILVIO APARECIDO. Auditoria contábil: Teoria e prática. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2007.

FATHI, J. The determinants of the quality of financial information disclosed by French listed companies Mediterranean. *Journal of Social Sciences*, v. 4, n. 2, p. 319. Doi: 10.5901/mjss.2013.v4n2p319 (2013).

FIRMINO, JOSÉ E.; DAMASCENA, LUZIVALDA G.; PAULO, EDILSON. Qualidade da auditoria no Brasil: Um estudo sobre a atuação das auditorias independentes denominadas Big Four. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, Rio de Janeiro, v. 5, n. Especial, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/scg/article/viewFile/13215/9037>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

FRANCO, HILÁRIO; MARRA, ERNESTO. Auditoria Contábil. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2001.

GAIO, C. The relative importance of firm and country characteristics for earnings quality around the world. *European accounting review*, v. 19, n. 4, p. 693-738. doi: 10.1080/09638180903384643 (2010)..

GIL, ANTÔNIO CARLOS. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GOVERNANÇA CORPORATIVA. Código das melhores práticas de governança corporativa. 5. ed. São Paulo: IBGC. 2015. Disponível em: <<http://conhecimento.ibgc.org.br/Lists/Publicacoes/Attachments/21138/Publicacao-IBGCCodigo-CodigodasMelhoresPraticasdeGC-5aEdicao.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. Análise de balanços. 8. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2007.

MARTINS, ELISEU; DINIZ, JOSEDILTON A.; MIRANDA, GILBERTO J. Análise avançada das demonstrações contábeis: uma abordagem crítica. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2018.

MATARAZZO, DANTE CARMINE. Análise financeira de balanço: abordagem gerencial. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2017.

NASSIFF, ELAINA. SOUZA, CRISOMAR LOBO DE. Conflitos de agência e governança corporativa. *Revista Caderno de Administração da Faculdade de Administração da FEA. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo*, vol. 7, n.1. p. 01-20, jan./dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/caadm/article/view/9496/19670>>. Acesso em: 15 ago. 2018.



PEREIRA, ANTONIO NUNES. COSTA, FÁBIO MORAES DA. Determinantes do atraso de auditoria externa (audit delay) em companhias brasileiras. XXXVI Encontro da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Administração (ANPAD). Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: <http://www.fucape.br/_public/producao_cientifica/2/ANTONIO.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2018.

RAUPP, FABIANO MAURY; BEUREN, ILSE MARIA. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, Ilse Maria. Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. 3.ed. São Paulo: Editor Atlas S/A, 2006. cap.3, p.76-97.

ROSSETTI, JOSÉ PASCHOAL; ANDRADE, ADRIANA. Governança corporativa: fundamentos, desenvolvimento e tendências. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2012.

SANTANA, ANDRÉ GOBETTE. ET AL. Auditoria independente e a qualidade da informação na divulgação das demonstrações contábeis: estudo comparativo entre empresas brasileiras auditadas pelas Big Four e não Big Four. Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ (online), Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 70-87, set./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rcmccuerj/article/view/9151/pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

SILVA, EDSON CORDEIRO DA. Governança corporativa nas empresas. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2006.

SILVEIRA, ALEXANDRE DI MICELI DA. Governança corporativa, desempenho e valor da empresa no Brasil. 2002. 165 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://conhecimento.ibgc.org.br/Lists/Publicacoes/Attachments/22040/SILVEIRA,ADM_2002_Governanca...dis.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2018.

SOARES, MARIA APARECIDA. Análise de indicadores para avaliação de desempenho econômico-financeiro de operadoras de planos de saúde brasileiras: uma aplicação da análise fatorial. 2006. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-15122006-121519/pt-br.php>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

STUDZINSKI, PAULO ROBERTO. Caracterização dos relatórios de auditoria das maiores companhias listadas na BM&FBovespa. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/46798/R%20-%20E%20-%20PAULO%20ROBERTO%20STUDZINSKI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

YURISANDI, T. & PUSPITASARI, E. Financial Reporting Quality-Before and After IFRS Adoption Using NiCE Qualitative Characteristics Measurement. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, v. 211, p. 644-652. doi: 10.1016/j.sbspro.2015.11.091 (2015).